Ñanduty
ISSN:2317-8590

# DA LITERATURA AO RAP: PELÉ DO MANIFESTO E A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCRITA MARGINAL PERIFÉRICA PARAENSE

Alan Ribeiro (UFOPA – alan.ribeiro@ufopa.edu.br)[1]
Michael Silva (UFOPA – michaeldouglasjnn@gmail.com)[2]

**RESUMO:** como um campo de conhecimento academicamente estabelecido, a literatura possui sub-divisões e modalidades estilísticas pouco exploradas, ou, pelo menos, pouco divulgadas e pouco reconhecidas academicamente. É neste contexto de pouca divulgação que se insurge a literatura marginal no Brasil, uma *modalidade de escrita* criada por pessoas de classe média e de camadas populares como expressão artística e política de sujeitos *socialmente excluídos* pelo sistema político e pelo Estado. Esta literatura marginal das periferias do Brasil tem ligações diretas com a música e com o movimento Rap e Hip-Hop no país, demonstrando que o estilo musical também envolve um fazer literário. Esse aspecto é parte do contexto sócio-histórico que faz surgir o rapper Pelé do Manifesto, um homen negro paraense cujo fazer artístico evidencia não apenas a existência de subcategorias estilísticas diversas dentro da literatura marginal, como também indica uma vastidão conceitual desta escrita lírica-marginal que não se limita ao pré-estabelecido por este movimento, que se renova constantemente em termos de conteúdo e formatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Marginal; Pelé Do Manifesto; Rap.

# FROM LITERATURE TO RAP: PELÉ DO MANIFESTO AND THE CONSTRUCTION OF A MARGINAL, PERIPHERAL WRITING FROM PARÁ

**ABSTRACT:** Despite being a centuries-old field, the literature has divisions or categories that are little explored, or at least, little disseminated. It is in this context of little support and focus that the marginal literature in Brazil emerges, ranging from a subcategory created by middle class people to the possibility of a voice for those neglected by the System/State. This marginal literature on the peripheries of Brazil influences what the rapper in the country is, demonstrating that the musical style also comes from a literary making. This is the context of the emergence of the rapper Pelé do Manifesto, a paraense whose artistic making shows not only the existence of sub-categories within marginal literature, but also the vastness of this lyrical-marginal writing, which is not limited to the pre-established by this movement, but permeates all areas of literature.

**KEYWORDS:** Marginal Literature; Pelé do Manifesto; Rap.

[1] Doutor em Sociologia da Educação pela USP e professor do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. E-mail: alan.ribeiro@ufopa.edu.br
[2] Graduado em Letras – Português pela Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. E-mail: michaeldouglasjnn@gmail.com

Ñanduty
ISSN:2317-8590

## 1. INTRODUÇÃO

O Rap, desde o seu surgimento, é um estilo musical cujas letras versam sobre o tema da contestação das desigualdades sociais. Ligado ao movimento negro estadunidense de crítica social, o estilo musical chegou ao Brasil na década de 1980 e foi ganhando força até se consolidar na década seguinte. O movimento Hip-Hop, especialmente o Rap, interliga-se à uma vertente ainda recente do cenário literário Brasileiro – a Literatura Marginal, que surgiu em terras tupiniquins na década de 1970, com a intitulada "Geração do Mimeógrafo".[3] Segundo Vinicius Carneiro (2019), escritores como Ferréz ressignificaram o que seria a literatura marginal, utilizando este termo para caracterizar o contexto das obras escritas por indivíduos como ele, ou seja, produções concebidas em meio a marginalidade social e cultural sob a qual os autores estavam submetidos. Ainda para Carneiro, tais obras estariam à margem da sociedade, da literatura padrão e das características literárias vigentes (como a linguagem), menos com base em aspectos de ordem textual formal, e mais em decorrência da origem socioeconômica dos autores, envolvendo nesta marginalização hierarquias estéticas. Com isso, poder-se-ia dizer que em uma acepção estritamente artística, tal vertente literária poderia ser uma produção que afrontaria e contestaria a própria ideia de cânone, rompendo com normas e paradigmas estéticos vigentes, sendo também um estilo literário que cria sua própria poética, dando musicalidade a seus versos.

Neste sentido, pode-se até dizer que em terras brasileiras o surgimento do Rap vem da mescla da cultura Hip Hop estadunidense com a poesia marginal, disseminada nas favelas e regiões periféricas do Brasil – ainda que possa não se limitar apenas a isso. Dentro deste quadro geográfico, o estabelecimento deste movimento hip-hop, atrelado à literatura marginal, acaba por se realizar de forma diferente a partir de cada região/estado, isso tendo em vista o contexto regional.

É partindo desse pressuposto que analisamos as composições do rapper paraense Pelé do Manifesto, afim de demonstrar que tal agente cultural é um exemplar de literatura marginal periférica paraense, buscando também corroborar a relação entre este estilo musical com essa

[3] A geração mimeógrafo é conhecida como um movimento cultural brasileiro que teve início nos anos de 1970, quando a ditadura – e a censura imposta por ela – acabou por obrigar os escritores e outros artistas a buscarem formas alternativas de difusão de seus escritos. O mimeógrafo, ferramenta de produção de cópias, foi a melhor alternativa para a produção em pequena escala de cópias dos textos dos poetas e escritores daquele período. Por conta disso, a ferramenta acabou sendo a alcunha daquela geração de escritores.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

vertente literária. A proposta do trabalho é compreender como um estilo musical considerado marginal em tempos recentes se tornou reconhecido como forma de expressão literária legítima e se faz presente nas letras de música do Rap. Faz-se primordial entender esta nova literatura, bem como suas especificidades e como esse gênero está estabelecido dentro da região amazônica, assim podendo chegar a resposta se os artistas da cena hip hop paraense estão *conscientemente* produzindo literatura marginal.

## 2. CRONOLOGIA, CARACTERÍSTICAS E "RESSIGNIFICAÇÃO"

Ao se falar de literatura marginal periférica, sempre é necessário elucidar que tal vertente literária pouco tem a ver com a intitulada "Geração do Mimeógrafo", a primeira a utilizar o nome "Literatura Marginal" no Brasil. Ainda que se utilizem da mesma nomenclatura e possuam algumas características semelhantes, estes dois movimentos devem ser vistos em prismas separados.

Isso porque em um primeiro quadro, a "Geração do Mimeógrafo" e a utilização do termo "marginal" está ligado a escritores considerados à margem do circuito editorial, os mesmos que tentam subverter o poder acadêmico e linguístico e representar literariamente as classes populares. No entanto, estes agentes literários não necessariamente se enquandram no perfil do "marginalizado socialmente", que seria o principal tipo de autor a ser encontrado dentro da chamada "Literatura Marginal Periférica" – termo utilizado por Eble (2016) e corroborado por Dalcastagnè (2019), como forma de diferenciar tais estilos.

Esta segundo uso da categoria "Literatura Marginal" surgiu na década de 1990 e de acordo com Nascimento (2006) envolve trabalhos de um grupo de autores que apresentaram uma visão sobre a realidade baseada em uma "[...] construção e divulgação de uma 'cultura da periferia' e à formulação de identidades coletivas" (NASCIMENTO, 2006: 2). De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda (2013), este grupo trabalhava temas relacionados com a vida na periferia, isto é, pobreza, violência polícial, desemprego etc. Estes temas aparecerão nas letras do Rap como problemas sociais que precisavam ser denunciados. Nesta fase da literatura marginal e da produção musical Rap, a linguagem coloquial e as estruturas das letras com gírias e códigos pouco conhecidos fora dos bairros pobres das grandes cidades brasileiras são características da linguagem das obras desta geração de escritores marginais/periféricos e dos *rappers*.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Dentre todos os escritores implicados nesse circuito de produção, o maior destaque vai para o escritor/poeta Ferréz, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva, que assumiu nos anos 90 uma posição de liderança do movimento. Heloisa Buarque de Hollanda (2013) chega a afirmar que este movimento acaba ressignificando o termo "marginal", até então utilizado apenas pela Geração do Mimeógrafo. No entanto, Lucia Tennina (2013) elucida que é complicado afirmar que exista um processo de ressignificação literária entre estes movimentos. Para a autora, este processo dentro da periferia – tanto no âmbito da literatura como nos saraus – não se resume a uma mera cópia, mas sim a vários processos que por fim criam uma nova arte e as tornam tão diferentes daquelas que foram utilizadas como referencial, a ponto de quase não ser possível estabelecer comparações entre elas.

Ressignificando ou não, esta Literatura Marginal Periférica vai além das funções sociais atribuídas à literatura canônica ou mesmo de entretenimento. É um movimento de compromisso retratando o social, posicionando-se de maneira engajada tanto na forma quanto na estética, apontando questionamentos advindos da classe social que representa. Isso se dá pelo fato de que antes outros autores de fora do contexto social da periferia falavam sobre esta temática. Neste estilo literário, os próprios membros desta área assumem o papel de falar sobre o local e a vida que tão bem conhecem, dando assim uma ótica *in loco* e remetendo à chamada "fala autobiográfica", uma das características da poesia marginal da década de 1970, elucidada por Alfredo Bosi (2017).

Como assinalado anteriormente, uma das consequências da proliferação da literatura marginal é a influência dela no movimento Hip Hop, em especial na cena do Rap, que eclodia no Brasil na década de 1990. Ainda que literatura e música tenham uma certa inter-relação e suas possibilidades de associações sejam as mais variadas, é na Literatura marginal que se vê tais áreas diretamente associadas. De acordo com Waldemir Rosa (2006), o Rap brasileiro não apenas assume inúmeras das características da literatura marginal vigente, como também se utiliza de instrumentos da língua portuguesa vernácula para assim estabelecer alguns de seus principais diferenciais dentro dos estilos musicais e da própria literatura então estabelecida. Segundo ele:

> O Rap brasileiro apresenta usos particulares da língua portuguesa. Essa reconfiguração da língua assume contornos mais radicalizados, uma vez que, além de inserir palavras com um novo significado, as gírias, introduz mudanças no nível da sintaxe e da morfologia que ocorrem não apenas para

> conformar o texto às necessidades líricas do poeta, mas para incorporar a linguagem cotidiana das periferias das grandes cidades (ROSA, 2006: 5).

Ainda que tenha raízes nos Estados Unidos, a cultura *Rap e Hip Hop* no Brasil buscou seu próprio caminho, especialmente, o Rap, que se propagou nas periferias como musicalidade sob a forma de reivindicação e crítica social. De acordo com Oliveira (2018), o movimento vai se reconhecer enquanto brasileiro ao ser cantado por negros e pobres e reivindicar "[...] uma tradição cultural negra por meio de um discurso de demarcação de fronteira étnicas e de classes que denuncia o aspecto de violência e dominação contido no modelo racial cordial de valorização da mestiçagem". (OLIVEIRA, 2018: 25). Para Souza (2011), o rapper vem a ser um agente disseminador de narrativas do cotidiano, mostrando como vivem as pessoas das periferias, relatando desde seus sonhos e necessidades até a forma como enfrentam problemas individuais e coletivos. Ao listar tais características da música Rap, nota-se as primeiras influências da literatura marginal dentro do movimento hip-hop brasileiro. Isto fica mais claro ao se analisar a poética marginal, que quebra com os padrões estético/estilístico da literatura tradicional. Isso faz com que ela se particularize, fazendo do seu lirismo o principal objeto a influenciar as composições do Rap.

Com estes pressupostos acerca da literatura marginal e do Rap como movimento literário delimitado, é nítido que os holofotes deste gênero se encontram praticamente na região sudeste do Brasil, isso tendo como base o início do movimento e geolocalização dos principais grupos do gênero musical do país, dando a esta área a característica de pólo principal do rap. Com isso, o próprio movimento, por muito tempo marginalizado, acaba por marginalizar – ainda que não intencionalmente – uma grande parcela daqueles que não estão inseridos dentro desta área.

Ainda que sigam o mesmo cerne, cada estado (ou cidade) tem particularidades dentro da literatura marginal que produz. Regionalizando esta problemática, na região Norte, a literatura marginal recebe influência da literatura que é produzida dentro do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, embora apresente características próprias, desde a realidade retratada a características e influências rítmicas. Este é o cenário de surgimento e consolidação do Rapper Pelé do Manifesto, que pode ser visto como um exemplar de um escritor marginal periférico paraense sob a forma de musicalidade.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

## 3. A CONSTRUÇÃO DE UM RAPPER/LITERATO MARGINAL NO PARÁ

Para que se possa chegar à análise das composições escritas de Pelé do Manifesto (bem como demais considerações a respeito de sua produção literária), é necessário primeiramente entender o contexto social em que ele está inserido e sua entrada e percurso dentro do movimento Hip-hop. Este processo se mostra necessário tendo em vista a própria construção do que é o Rap brasileiro e a literatura marginal periférica – que surge com uma 'ramificação' de um abrangente conceito/nomenclatura de Literatura Marginal. Ou seja, Pelé e sua arte devem ser vistos não apenas de um prisma estritamente literato, mas sociológico e antropológico, demandando uma abordagem interdisciplinar para a análise de suas músicas e mensagens literárias.

Nascido Allan Roosevelt Miranda da Conceição, Pelé do Manifesto viu sua carreira musical começar logo aos 14 anos de idade, quando o pai lhe presentou com um DVD do Rapper Gabriel, O Pensador. Nascido em 1991, Pelé segue sendo um fiel morador do bairro da Cremação, na periferia de Belém. O Rapper é um ativo militante do movimento hip-hop, tendo suas composições características como denúncia do descaso à periferia e, principalmente, o combate ao racismo. De acordo com Ferreira (2019), outra importante característica do artista é a construção de um discurso visando a criação e fortalecimento de uma "identidade afrocentrada" – como pode ser comprovado dentro de algumas de suas músicas.

> O Rap é a principal voz da periferia e hoje eu tenho muita voz onde eu moro. Antigamente as pessoas não me viam como Pelé. Eu era o Allan, eu era o Roosevelt, eu era um moleque que rimava. A partir do momento que saí de Belém, fui pra São Paulo e comecei a fazer shows com a galera importante do Rap, a periferia de Belém que curtia a galera de fora começou a me ver diferente, entendeu? Pô é o Pelé, não é mais o Allan, é o Pelé. Ele já é um MC. Então a galera começou a me ouvir de fato e começou a prestar atenção naquilo que eu falava nas letras (PELÉ DO MANIFESTO *apud* FERREIRA, 2019: 35).

Este processo de transformação de Allan Roosevelt em Pelé do Manifesto acaba por seguir a mesma linha do Rap como reconstrutor de identidades. Eble (2019), afirma que a literatura marginal periférica, que neste contexto engloba o Rap – acaba por ser uma alternativa de subversão a realidade vigente, fazendo com que este 'subalterno' do sistema tenha voz para confrontá-lo, dando a ele assim a possibilidade de criação de uma nova identidade, nesse caso

a de Pelé do Manifesto. Esta busca por este poder – que resulta nesta nova identidade – acaba por perpassar tanto o espaço físico/geográfico quanto o sociocultural.

A construção do que é Pelé do Manifesto, tendo como base sua trajetória e referências, pode ser vista na descrição feita por Ribeiro (2020), que afirma ver o Rapper como um relator da própria vivência na periferia de Belém "a partir da posicionalidade que o localiza em uma experiência de homem negro como ponto de partida de sua narrativa" (RIBEIRO, 2020: 5).

> Pelé do manifesto ou Allan Rossevelt está produzindo sua posicionalidade racial no Rap fora do circuito do sudeste brasileiro ao mesmo tempo em que nos aponta para uma filiação e referencialidade artística na produção musical Rap e Hip-Hop do sudeste brasileiro, sobretudo ao citar a grande influência do grupo Racionais, da periferia da cidade de São Paulo (RIBEIRO, 2020: 6).

Em entrevista cedida para a realização desta pesquisa, Pelé do Manifesto, ao ser questionado sobre as suas principais influências locais acaba revelando uma das principais características da Literatura Marginal Periférica e da própria cultura hip-hop: o senso de comunidade, algo latente ao cidadão periférico, isso porque se não houver união entre eles próprios, não há como resistir a opressão do sistema vigente. Essa característica fica muito clara ao se notar que a escrita e musicalidade de Pelé do Manifesto passa não apenas por influências dos grandes centros, mas principalmente por artistas de seu próprio cotidiano, como ele mesmo cita. Este contexto acaba por corroborar um sentido apresentado por Eble (2018), que vê a arte produzida por esses cidadãos periféricos como algo voltado principalmente para os próprios marginalizados. Com isso, a produção artística de Pelé tem como base a produção de artistas marginais locais e é voltada para o ser periférico. Ou seja, tudo começa dentro da periferia e deve ter como público-alvo a periferia.

Quando questionado sobre quais os principais temas de suas letras e que situações o faz criar suas músicas, Pelé acaba por evidenciar como sua escrita enquanto rapper é marginal, tendo em vista que se caracteriza pelo relato quase que crônico. "Então, os principais temas das minhas músicas são as minhas vivências né. Geralmente, eu costumo fazer crônicas de tudo que eu faço, do meu cotidiano, dos preconceitos que eu sofro, enfim, das coisas que eu vivo e das coisas que me cercam" (Entrevista com Pelé do Manifesto, julho/2020).

Sejam poemas ou crônicas musicalizadas, a escrita de Pelé do Manifesto acaba por trabalhar o paradoxo do indivíduo e a comunidade. Para Ribeiro (2020), as composições de

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Pelé mostram não apenas situações como o racismo, mas apontam para a letalidade policial como um medo quase atrelado aos homens negros, tendo em vista como ele está ameaçado por isto de forma constante, o que pode ser evidenciado na letra da canção Menino Preto, feita em conjunto com o grupo Zimbra Groove.

> Era um menino, podia ser um adulto,
> podia ser o Pelé que mesmo assim ninguém estaria de luto.
> Pois era preto, do gueto, sujeito suspeito.
> Podia ser o seu filho sofrendo com preconceito.
> Não importa teu caráter se sempre vão julgar
> Teu tom de pele, que é preto, lindo como a noite.
> Nessa senzala urbana, minha alma traz lembranças do açoite
> (ZIMBRA GROOVE; PELÉ DO MANIFESTO; PRETO; *apud* RIBEIRO, 2020: 9).

Tendo como base essa letra, nota-se essas duas características das seguintes formas: enquanto seu senso de comunidade busca evidenciar a morte de um jovem negro, mostrando que aquilo é a realidade de muitos e que isso não comove ninguém que é de fora daquele contexto social, em uma escala mais individual Pelé se questiona: o que aconteceria se fosse ele no lugar do jovem assassinado, demonstrando assim seu completo incômodo com este quadro de violência. Ainda que pareçam contextos dicotômicos, individual e comunidade transitam sempre juntos na literatura marginal periférica, como fica evidenciando na última frase deste trecho, que mostra como cantor (ou seria eu lírico?) em sua angústia, acaba por se ver conectado com o todo da periferia e até mesmo com seus antepassados históricos. Pode-se até mesmo questionar se não seriam essas angústias individualizadas em cada cidadão periférico que tornam possível a existência deste senso de comunidade.

Esta composição feita por Pelé, e o que ela denuncia (extermínio do povo negro periférico) vai ao encontro do que Ferrez, uma das principais influências na criação do movimento hip-hop atual, definiu como sendo a escrita desse cidadão marginal, “é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo”. (FERRÉZ, *apud* EBLE & LAMAR, 2015: 204).

Ao ser perguntado sobre o forte cunho político e social de suas músicas e o que ele busca despertar nas pessoas com tais composições, Pelé do Manifesto deixa claro que mesmo que suas letras pretendam se comunicar com o cidadão periférico, sobretudo, o negro (como já foi

afirmado mais acima), elas também foram pensadas para quem está mais afastado dessa "dinâmica opressiva".

> As minhas músicas têm intenção não só de denunciar, não só de expor né, os preconceitos que a gente vive, de também fazer com que as pessoas tenham uma reflexão né, sobre o que a gente faz, qual o nosso papel dentro da sociedade e como essa sociedade afeta os menos favorecidos né, o que a gente deve pra que a sociedade seja menos dura com os menos favorecidos (Entrevista com Pelé do Manifesto, jul. 2020).

Nota-se que o cantor busca atingir dois objetivos em suas composições, comtemplar seus companheiros, desde a cor à periferia, e fazer refletir aqueles que não acompanham este contexto social, ou seja, os mais favorecidos economicamente. Este é um desafio complicado, tendo em vista, por exemplo, que o Rap, assim como outros estilos musicais inicialmente exclusivo dos pretos, também passa por um processo de 'embranquecimento' – talvez até esvaziamento – que tira todo o contexto social dessa dinâmica.

No entanto, a busca por reflexão e entendimento sobre a mensagem de suas composições – como manifestações literárias – acabam sendo um dos desafios de qualquer escritor/compositor. Sartre (2004), em seu livro "Que é a literatura?", afirma que mesmo dando determinado sentido ao que escrever, o texto (nesse caso a composição) só encontrará sua realização final nas mãos do leitor (nesse caso quem ouvir a música ou ler a letra).

Em meu último questionamento, Pelé do Manifesto responde sobre sua percepção do que é ser um homem negro dentro do contexto nortista, bem como o que isso representa dentro de um âmbito geral do cultura hip-hop da região.

> Bom, historicamente já é difícil ser negro no Brasil, ser um artista negro então é mais complicado, porque a todo momento a gente tem que, por ser negro, provar que é melhor ou que é bom naquilo que a gente faz né. E como a gente sofre, sofre o preconceito desde sempre, é... desde que nasce, a gente tenta trazer pra nossa arte, eu por exemplo, pra música, pro Rap, tento trazer a minha vivência né, tento combater esse racismo e algumas pessoas olham torto, não gostam, e acabam menosprezando o nosso trabalho. E... ser um... um artista homem né, e negro na Amazônia, principalmente na minha idade, é uma vitória, porque geralmente a gente não passa dos 23 anos e eu tenho, tô com 29 e como diz o Brown, 'contrariando as estatísticas', vivo já que a sociedade mata o homem negro. Tô vivo, fazendo o meu trabalho na Amazônia, misturando a minha música, que é o Rap vindo dos Estados Unidos, misturando ela com a música paraense, misturando ela com Carimbó e Guitarrada e levando para o centro sul, que lá geralmente eles tem essa xenofobia com quem é do Norte, quem é do Nordeste, não aceitam muito o

> novo, o que vem de fora, no caso, daqui, das outras regiões. E... tá mostrando um pouco da minha cultura, da minha manifestação artística através da música regional, misturada com o meu grito né, o grito que vem da periferia, pra mim é muito... muito gratificante e é isso que me dá força de ser esse homem negro na Amazônia, que tinha aquele slogan 'terra sem homens para homens sem terras'. Né não, aqui tem homens, nossa terra não é uma terra sem homens, nossa terra não é uma terra desabitada, existem pessoas e querem ser vistas (Entrevista com Pelé do Manifesto, julho/2020).

Em um primeiro momento, o início desta fala de Pelé do Manifesto remete a uma de suas principais influências, o Racionais MC's, tendo em vista que ao afirmar que ao ser preto, a pessoa tem que mostrar que é o melhor (ou muito bom) no que faz, pode-se traçar um paralelo com uma emblemática fala do rapper Mano Brown na gravação do segundo DVD do grupo, intitulado "Mil Trutas, Mil Tretas" em 2006. O cantor afirma que desde criança sua mãe lhe dizia que para chegar a algum lugar ele – por ser negro de periferia – deveria ser duas vezes melhor que os demais. Anos depois ele questiona a natureza dessa frase, indagando como ser duas vezes melhor se a sociedade o colocava em uma posição de séculos de atraso em comparação com os demais.

Nota-se que este questionamento de Mano Brown também é visto em Pelé do Manifesto, que após esta primeira fala, complementa que o "ser melhor" tem como obstáculos o preconceito e outras mazelas do cidadão periférico. O rapper paraense se mostra completamente ciente do local e da situação de desfavorecimento em que está inserido, ao afirmar que estar prestes a completar três décadas de vida é simplesmente um ato de 'contrariar as estáticas', em uma nova referência a Mano Brown.

Mais à frente, fica claro novamente a posição de marginalizado, tanto literária quanto musicalmente, tendo em vista que ele se vê em uma luta contra a xenofobia ao tentar exportar sua música para os grandes centros. É necessário ressaltar que ele estabelece esse desafio, mas não renuncia suas características como um artista paraense e como a região norte influencia em sua musicalidade.

Nota-se na última fala, na frase final, que a construção do pensamento do Pelé do Manifesto passa pela afirmação do cidadão periférico, que neste caso não é simplesmente alguém na região norte, mas alguém nascido neste ambiente e que tem propriedade para falar sobre esta localidade.

Logo, suas músicas são sobre o que é ser um nortista negro originário da periferia. É por isso que suas composições não são apenas sobre o homem negro em um contexto geral, mas

sobre aquele vindo de bairro da periferia urbana de Belém. É neste sentido, que ele traz o carimbó e a guitarra para a sua musicalidade, não apenas como diferenciação de suas músicas, mas também como forma de se autoafirma enquanto homem negro nortista, algo ainda pouco explorado em âmbitos nacionais.

## 4. PELÉ DO MANIFESTO, RAP E A ESCRITA LITERÁRIA MARGINAL

Tendo trabalhado o conceito da formulação do pensamento literário de Pelé do Manifesto, agora faz-se necessário a análise de sua escrita – seja ela considerada como composição musical ou poesia marginal. Ao se trabalhar com a escrita da cena hip-hop, pode-se percorrer inúmeros caminhos, tendo em vista que o Rap não possui uma única fórmula ou vertente, como já foi explicitado anteriormente.

No caso de Pelé do Manifesto, uma de suas principais características é o caráter confrontador de suas composições, algo muito visto dentro deste estilo musical.

Em seu principal trabalho artístico até o momento, o álbum "Gueto Flow, Preto Show" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020a), lançado em 2020, o rapper demonstra tal caráter confrontador. Na canção "Me querem", segunda faixa do disco, esse aspecto pode ser visto inicialmente como um relato/denúncia das inúmeras tentativas do sistema em invisibilizar o cidadão negro periférico, relegando apenas seu lugar "geográfico" de direito – a periferia. Na letra da composição se lê:

> Me querem menos Dandara me querem menos Mandela
> Me querem menos no centro me querem mais na favela
> Me querem como reserva sempre esquentando o banco
> Pra esquecer Abdias louvando Castelo Branco
> Me querem obediente me querem tipo robô
> Pra nunca questionar quando eles gritarem roubou.

Nesta composição, o rapper paraense acaba criando versos pautados em uma dicotomia geográfica, evidenciando o lugar que busca ocupar e o local onde o Sistema/Estado quer deixá-lo, exemplificado na frase "Me querem menos no centro me querem mais na favela" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020b). Sobre o contexto desta composição, pode-se até mesmo afirmar que tal frase não é apenas sobre uma disputa geográfica, mas de poder, que neste caso estaria localizado no centro, enquanto a periferia seria a margem de tudo.

Neste contexto de geografia e briga por poder, Oliveira (2019) afirma que todo espaço de poder é um espaço em disputa, sendo que ao cidadão periférico tal confronto pelo "centro" seria como uma busca por afirmação e um lugar de destaque, algo não aceito pelo Sistema citado por Pelé do Manifesto. Ainda de acordo com Oliveira (2019), isso se dá porque mesmo que geograficamente e sociologicamente não seja tão simples determinar quem detém tal poder e destaque, é fácil definir quem não possui isso – e que não deve possuir, de acordo com tal Sistema Social. Neste sentido, o "centro" também pode representar não apenas poder, mas também libertação – no caso a libertação deste cidadão periférico da marginalização do sistema.

Este confronto por espaços de poder e, consequentemente, libertação, remente a Frantz Fanon (2008), que em seu livro "Peles Negras, Máscaras Brancas", afirma que a "Liberdade requer visibilidade". Ou seja, este embate geográfico e a possível recolocação do cidadão marginalizado devem ser vistas para que haja de fato um processo de afirmação desse marginal perante seus opressores. Ao citar Dandara, Nelson Mandela, Cassius Clay (Muhammad Ali) e Abdias do Nascimento, Pelé do Manifesto segue pautado em uma escrita de dicotomias, fazendo o contraponto entre importantes figuras do movimento negro, com personagens históricos vistos como opressores, ou representantes do Estado, como o Marechal Castelo Branco.

Este jogo de comparações, atrelado a fatos históricos citados pelo rapper paraense, como a escravidão exemplificada em frases como "Me querem pra Açoitar mas hoje mano tem volta / Plantâmo café e cana hoje vâmo plantar revolta" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020b), acabam criando uma 'narrativa histórica', que segundo Ferreira (2019), é uma das principais características que também se pode observar. Pelé do Manifesto, portanto, faz não apenas uma narrativa histórica, como também cria sentidos próprios para estes fatos históricos, sendo estes os responsáveis por articular o eu-lírico – criado pelo rapper – consigo mesmo e com restante das pessoas, o que resulta em uma autopercepção positiva de uma identidade racial particular. Ou seja, ao se remeter a figuras e contextos da história do homem negro, Pelé acaba por se reafirmar enquanto indivíduo.

É neste processo de reafirmação que ele não apenas confronta e questiona o status quo do sistema para com ele, mas como mostra força e demonstra autoestima – algo muitas vezes negado ao cidadão preto e periférico. Isso pode ser visto no trecho "Me jogaram pros cães eu liderei a matilha / Mais um preto em passando na timeline / E agora vão aceitar que o topo é minha morada" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020b). Essa tentativa de criação de autoestima do

Ñanduty
ISSN:2317-8590

*preto marginalizado* pode ser vista mais claramente na canção "Sou Neguinho" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020c), composição essa que pode ser tida como a principal da carreira do rapper paraense até o momento. Ela foi criada e lançada originalmente em 2015, sendo regravada para o álbum "Gueto Flow, Preto Show". A composição inicia com os seguintes versos:

> Sou neguinho sim sou preto com muito amor
> Daqueles que olha no espelho e acha foda sua cor
> Eu não nasci pra tá chamando ninguém de doutor
> A minha meta levantar cada irmão que tombou
> Demorou ai o mundo é nosso neguinho
> Eu quero tudo como quem não quer nada no sapatinho.

De acordo com Ferreira (2019), o rapper paraense cria nesta canção uma narrativa que resulta em uma "consciência histórica crítica", levando a um processo de exaltação e autoafirmação do homem negro – mesmo não aceitando os estereótipos criados para ele – bem como a contestação à realidade em que este cidadão foi colocado enquanto preto e da periferia. Neste sentido, pode-se afirmar que a escrita literária de Pelé do Manifesto é baseada na exaltação do cidadão periférico como forma de confronto ao Sistema – que busca deixar tais personagens até sem personalidade, como é referido pelo próprio artista ainda na sua canção "Me Querem": "Me querem sem falar nada, me negam educação / Sem saúde, segurança, escolha ou opinião" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020b).

Tanto em "Me Querem" quanto em "Sou Neguinho", o rapper paraense transita entre sua voz como autor e a criação de um eu-lírico, algo já constatado por Rosa (2006), o que segundo tal pesquisador acaba gerando uma narrativa de ficção que invariavelmente acaba se mesclando e confundindo com a vida real do escritor. Este artifício, não usado apenas por Pelé, mas por muitos dentro do movimento hip-hop, acaba por dar ainda mais verdade e legitimidade a suas composições. Este processo dentro da escrita de Pelé do Manifesto pode ser visto ao se acompanhar a narrativa criada pelo rapper dentro da música "Sou Neguinho" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020c).

> Nem tudo que reluz é ouro parceiro
> Paraíso onde se eu vim nos navio negreiro
> A rua me criou meu pensamento é ligeiro
> (...) Ser duas vezes melhor? Cansei dessa parada

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Casei de ser o preto no estilo? “homem na estrada"
De ver as tia atravessando a rua apavorada
De provar que o celular é meu pra não levar porrada
Não é frescura não me diz ai quem consegue
Toda vez que entro no shopping o segurança me segue
Todo mundo percebe todo mundo repara
As câmera me persegue a polícia sempre me para
Não vem de caô dizendo que num é preconceito
Acha que preto é ladrão desde que mama no peito
É o x da questão ninguém explica direito
Porra minha descrição sempre bate com a do suspeito

Nota-se nesta composição a mescla não apenas o trânsito entre autor e eu-lírico, como também novamente uma narrativa histórica individualizada ao cidadão negro. Se os primeiros versos remetem ao contexto de escravidão no Brasil, os demais mostram o resultado nesta violência dentro da sociedade atual, relegando ao cidadão negro um local a margem de tudo, o obrigando a ser dispor mais que o restante da população para assim conseguir um local “mínimo”. A composição remete, novamente, a uma fala do rapper Mano Brown, ao citar o termo “ser duas vezes melhor”, consolidando a influência do artista na carreira de Pelé. Do sexto verso em diante, é quase implícito que a escrita do *rapper* paraense está fazendo um autorrelato (algo implícito a literatura marginal) de situações de preconceito que ele enquanto homem negro e periférico acabou passando ao longo da vida.

A lírica criada por Pelé acaba fazendo claras analogias com situações que vão desde marginalização até a animalização (nesse caso mais em um ser dotado de violência). Oliveira (2019) afirma que tais situações características de pessoas marginalizadas pela sociedade acabam por corroborar com o desenvolvimento da literatura, que sempre buscou uma forma de expressão adequada à complexa vivência e experiência que evoluiu com tendo a violência, seja psicológica ou física, como pano de fundo.

Para Oliveira (2019), a poeticidade do rap brasileiro parte da convergência destes marginalizados, criando uma voz de resistência das periferias, o que acaba corroborando com a ideia de que a poesia de liberdade surge a partir dos contextos de opressão. É neste contexto de violência e opressão que a narrativa de Pelé do Manifesto também traz à tona um cansaço com a convivência com tais estereótipos. Para confrontar esta situação, ele inicia um processo de autoafirmação e própria valorização enquanto homem negro, o que pode ser visto nos seguintes versos de “Sou Neguinho” (PELÉ DO MANIFESTO, 2020c):

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Mas sem essa de tadinho dos neguinho irmão
Eu vim mostrar com quantos raps se faz a revolução
Eu não sou preto de alma branca não que treta
Seu eu pudesse até a palma da minha mão era preta
Quem nem a tinta da caneta que eu escrevo minha letra
O orgulho tá no peito e não guardado na gaveta
É por mim por ti pelos irmão tô aqui
A minha meta é rimar até vê os preto sorrir
A estrutura rachar e o império cair
Um nova era começou pros descendentes de zumbi
E o mundo todo vai saber da nossa correria
Eu vim mostrar com quantos raps se consegue a alforria
E depois desse aqui é o fim de tudo que te incomoda
Agora sim pode dizer que preto é foda

A tentativa de autoafirmação enquanto homem negro tem como ponto principal a tentativa de ressignificação do que é ser um "neguinho". Para chegar até este objetivo, Pelé acaba confrontando o Sistema – algo que Rosa (2006) definiria como uma forma de afirmação da masculinidade deste homem dentro do movimento *hip-hop*.

O relato, quase autobiográfico, aproxima o artista de seu público, isso com a intensão de posteriormente mostrar tal tentativa de ressignificar o que ser negro, exemplificado na frase "Seu eu pudesse até a palma da minha mão era preta". Tal orgulho da cor que tem mostra um claro contraponto ao estereótipo vigente na sociedade, que vê o "preto" como algo ruim. Este processo ou pelo menos a tentativa disso, contrapõe a ideia de Souza (2011), que vê o movimento hip-hop como um "reinventor de tradições". A consequente ressignificação do que é ser um "neguinho" não é apenas mais uma forma de confrontar o Estado, mas também pode ser visto como uma tentativa de dar alegria aos seus irmãos das margens. Versos como "É por mim por ti pelos irmão tô aqui / A minha meta é rimar até vê os preto sorrir" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020c) acabam evocando o já referido anteriormente "senso de comunidade", algo latente a literatura marginal.

Neste sentido, o rap de Pelé do Manifesto acaba corroborar a hipótese levantada por Oliveira (2019), que vê este movimento de ressignificação como uma forma de intervenção social e que acaba atuando na consolidação de uma identidade coletiva periférica, bem como reflete sobre o espaço em que está inserido e as relações resultantes deste contexto. Ainda de acordo com o autor, tal tentativa de transgressão social, via literatura, não passe despercebida dos dispositivos de controle impostos pelo Estado.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Além de trabalhar com a temática do confronto (em suas várias vertentes e possibilidades) ao Sistema/Estado, o rap de Pelé do Manifesto acaba criando um relato quase que autobiográfico não apenas das opressões que vive, mas sua vivência enquanto morador da periferia de Belém, mais especificamente do bairro "Cremação".

Rosário (2019) afirma que o poeta – nome que pode ser empregado para definir Pelé do Manifesto – é o embaixador da cidade que nasceu e, principalmente, da "quebrada" onde mora, fazendo de sua narrativa uma descrição literária do local a que pertence, evidenciando desde suas belezas a mazelas. Um exemplo desta situação é encontrado na canção "Rotina" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020d).

> E já é outro dia eu vou andando pela rua
> Salve Belém nossa saga continua
> Tipo uma odisseia ciclope, Sila
> Busão, carro, moto, gente e fila
> Tá quente pra carai abre a janela.

Logo de início, a canção acaba por não apenas localizar o leitor/ouvinte dentro da realidade belenense, como também já estabelece todo o contexto da rotina deste narrador/eu-lírico na cidade, tendo em vista que em cinco versos o autor já estabelece desde o funcionamento do trânsito local até a temperatura na metrópole nortista. Dentro destes versos, nota-se que há uma menção a "Odisseia", de Homero, em uma tentativa de estabelecer uma relação entre a vivência do belenense com a saga de Odisseu, que invariavelmente remete a ideia de que esta pessoa tem uma serie de percalços a percorrer ao longo de sua jornada nesta cidade. Ainda no âmbito da citação, Pelé do Manifesto acaba também fazendo este mesmo tipo de proposta em outras de suas músicas, mostrando que suas referências não se limitam a vivência marginal periférica, mas como também possui vários elementos da literatura padrão. Em "Soup", ele traça um paralelo entre a obra de Cervantes (Dom Quixote), com a sua vida no movimento hip-hop: "Que sonhos são só moinhos e moinhos são só dragões / Que o rap é meu colírio expandindo minhas visões" (PELÉ DO MANIFESTO, 2020e). Tais referências dentro do contexto da periferia demostram que mesmo sendo constantemente marginalizado, o cidadão periférico pode transitar entre a obras de voltadas especificamente para a "comunidade" e os ditos "clássicos".

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Tais referências, sejam clássicas ou periféricas, fazem parte da construção do que é este narrador/eu-lírico marginal e refletem na forma de reação dele diante das adversidades propostas dentro de cada composição.

Diferente de “Rotina”, na canção “Soup” o rapper acaba aprofundando e criando uma representação literária – e até mesmo geográfica – de seu bairro de nascimento, o bairro Cremação. Há em “Gueto Flow, Preto Show”, assim como em “Sou Neguinho”, um processo de ressignificação, desta vez da periferia de Belém, que deixa os estereótipos preconceituosos e racializados de lado para assumir a condição de lar e acolhimento, tendo em vista que neste local, a “quebrada”, o malandro não é dotado de características criminais, mas é visto apenas como mais um membro aceito desta localidade.

Neste sentido, percebe-se que há nesta construção narrativa não apenas o já destacado senso de comunidade e pertencimento, mas também a ideia de respeito, algo que o narrador/eu-lírico acaba encontrando de forma mais clara em seu bairro/quebrada/periferia. Tanto em “Rotina” quanto em “Gueto Flow, Preto Show”, Pelé do Manifesto acaba criando uma construção narrativa que é vista por Ferreira (2019) como a comprovação de que o rapper é um poeta contemporâneo, que se expressa via narrativas históricas, resultando no que é a sua consciência histórica, sendo estas duas das principais características vistas em suas composições.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a Literatura Marginal possui inúmeras ramificações, sendo uma delas a própria Literatura Marginal Periférica, os escritos de Pelé do Manifesto são o resultado de uma dessas longas bifurcações histórico/literárias/estilísticas, já que ele é um rapper e escritor marginal que produz sua arte longe dos centros onde a “marginalidade literária” vigora mais notadamente sob a forma de musicalidade. Tal posicionalidade talvez aponte para a existência de um tipo de “marginalizado pelo movimento literário marginal”.

Ainda que a produção literária feita pelo rapper paraense tenha seus próprios diferenciais, ela segue uma unidade característica do movimento – desde a já citada busca pelo confronto, como a escrita autobiográfica até o senso de unidade com as pessoas de “área”, do bairro de origem, do “meu lugar”. Esta construção poética tem como base um padrão cultural próprio do

contexto de vivência de Pelé do Manifesto, o que invariavelmente acaba resultando em um distanciamento da variante da língua portuguesa estabelecida como padrão.

No entanto, esta perspectiva deve ser vista como um avanço feito pela literatura marginal, tendo em vista que a narrativa brasileira contemporânea sofre com a ausência de representantes de classes populares, ou como Dalcastagnè (2012) *apud* Tennina (2017) afirma, "a classe média olhando para a classe média" também inclui quem produz literatura marginal, mas não inclui os marginalizados que produzem literatura marginal.

As narrativas líricas criadas por Pelé do Manifesto falam não apenas sobre a vida do belenense e da rotina dentro do bairro da Cremação, mas mostram também a constante necessidade do rapper em ressignificar tudo que pertence a sua localidade e que é visto sempre por viés preconceituosos por grande maioria da sociedade. A sua busca por afirmação como cidadão, perpassa os embates contra este sistema racista e vai até demonstração que ele, na condição de rapper – e por quê não, literário? – pode adentrar em campos considerados fora dos padrões da literatura marginal.

O processo de construção como artista fez do rapper paraense não "apenas" um músico, mas também um literário marginal, um cronista da sua realidade, sob musicalidade. Isso, de certa forma, aponta para uma literalidade de Pelé do Manifesto – bem como suas influências a nível local – que ainda se mostra em constante mutação e possibilita a comprovação de uma *escrita marginal paraense*, seja atrelada ao movimento *Rap* ou não.

No âmbito do destaque artístico, é notável a existência de uma diferenciação entre ser *rapper* em centros como Sudeste, Sul e até o Nordeste e ser *rapper* no Norte do Brasil, região que ainda ocupa uma posição política também marginal dentro do país. Este "lugar regional marginal" ainda é uma noção que pode ser aplicada ao contexto da produção literária nacional, também marcada por uma hierarquia na dinâmica da visibilidade das produções intelectuais. Logo, pode-se deduzir que este movimento literário marginal apresenta não apenas subdivisões a nível de características e até mesmo temporalidade, mas também hierarquias de visibilidades geográficas. Portanto, caso aceitemos a hipótese de que o fazer literário no Pará e na Amazônia decorre da observação de que as singularidades culturais, político-econômicas, topográficas e raciais são interpretadas como diferentes de outras locações geográficas no Brasil[4], as

[4] Para uma discussão antropológica acerca destas singularidades na Amazônia, sobretudo dos aspectos raciais, ver: CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilú; RIBEIRO, Alan. Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na amazônia paraense. Afro-Ásia, 51 (2015), p. 213-246.

construções narrativas de Pelé do Manifesto reforçam esta percepção e apontam para a crescente complexidade da percepção da experiência negra no país.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

**REFERÊNCIAS**

BEAL, Sophia. 2019. "Autores da própria competição: repente, batalhas de MCs e slams no Distrito Federal". In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p.115-132.

BOSI, Alfredo. 2017. *História concisa da Literatura Brasileira*. 44ª ed. São Paulo, Editora Cultrix.

CARNEIRO, Vinícius Gonçalves. 2019. *Reflexões quanto à literatura marginal brasileira: comparando Ferréz a sua tradição literária*. In: http://dx.doi.org/10.1590/2316-40185017 (acessado em 25 de maio de 2019).

CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilú; RIBEIRO, Alan. "Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na amazônia paraense". *Afro-Ásia, 51*, Salvador: 213-246.

CRAVEIRO, Pedro. 2020. *Vivendo de Hora em Hora: sobre a geração do mimeógrafo brasileira & a nuvem cigana*. In: https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/download/236/284/ (acessado em 23 de julho de 2020).

CRUZ, Fabyo. 2020. *Rap é Compromisso! Pelé do Manifesto e a Revolução Social*. In: https://www.mangamusical.com.br/post/rap-%C3%A9-compromisso-pel%C3%A9-do-manifesto-e-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-musical (acessado em 25 de julho de 2020).

DALCASTAGNÈ, Regina. 2011. *Um território contestado: literatura contemporânea e a as novas vozes sociais.* In: http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf (acessado em 30 de 2019).

EBLE, Laeticia Jensen. 2019. "Confrontação dos espaços e resistência na literatura marginal/periférica". In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p.39-54.

EBLE, Taís Aline. 2015. *A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica*. In: https://www.scribd.com/document/339516654/EBLE-LAMAR-A-Literatura-Marginal-Periferica (acessado em 20 de julho de 2019).

FANON, Frantz. 2008. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA.

FERREIRA, Rafael Elias de Queiróz. 2019. *Da rima à raça: narrativa rap e consciência histórica na poesia de Pelé do Manifesto*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História, Universidade Federal do Pará.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. 2007. *26 poetas hoje*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. 2013. *As fronteiras móveis da literatura*. In: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura--marginal (acessado em 20 de março de 2020).

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. 2016. *Arte, cultura e política na história do Rap nacional*. In: https://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0235.pdf (acessado em 18 de maio de 2020).

MIBIELLI, Roberto. 2019. "De Peri à periferia: Amazônia, migração e literatura". In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p.269-294.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. 2011. *A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate*. In: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/lerArtigo.rua?id=96&pagina=8 (acessado em 20 de junho de 2020).

NASCIMENTO, Érica Peçanha. 2019. "Literatura e Periferia: considerações a partir do contexto paulistano". In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p.15-38.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. 2006. *Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

NETO, Miguel Sanches; VOGLER, Bianca do Rocio. 2013. *O manifesto da literatura marginal: o texto "Terrorismo literário", de Ferréz, e o poder de desvendamento do mundo e do movimento artístico da Literatura Periférica*. In: https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/5127/3938 (acessado em 17 de maio de 2020).

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. 2018. "O Evangelho Marginal dos Racionais MC's". In: RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo, Companhia das Letras, p.19-37.

OLIVEIRA, Cleber José de. 2019. "Periferia é periferia em qualquer lugar: da favela à aldeia, o Rap como ele poético de resistência". In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p. 239-268.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. 2011. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária.* In: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf (acessado em 25 de maio de 2019).

PELÉ DO MANIFESTO. 2020a. *Gueto flow, preto show*. Belém: Produção do intérprete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KzxwRx2et8Y (acessado em 30 de março de 2020).

PELÉ DO MANIFESTO. 2020b. “Me Querem”. In: *Gueto flow, preto show”.* Belém: Produção do intérprete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EdRL5_qtXuE (acessado em 30 de março de 2020).

PELÉ DO MANIFESTO. 2020c. “Sou Neguinho”. In: *Gueto flow, preto show”.* Belém: Produção do intérprete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kmku02tF3Kg (acessado em 30 de março de 2020).

PELÉ DO MANIFESTO. 2020d. “Rotina”. In: *Gueto flow, preto show”.* Belém: Produção do intérprete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U4NQVye4EwE (acessado em 30 de março de 2020).

PELÉ DO MANIFESTO. 2020e. “Soup”. In: *Gueto flow, preto show”.* Belém: Produção do intérprete. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=32ghmmPpzdk (acessado em 30 de março de 2020).

PINTO, Zemaria. 2011. *Teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação*. 1ª ed. Manaus, Editora Valer.

RIBEIRO, Alan Augusto. 2016. Jogos de ofensas: epítetos verbais entre estudantes de uma escola na Amazonia. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Alan Augusto. 2020. *“Pode o homem negro falar? Algumas intersecções entre gênero e raça no debate sobre homens negros*. (No prelo).

ROSÁRIO, André Telles do. 2019. “Corpoeticidade dos saraus de poesia: o movimento Eu, Poeta Errante, de França de Olinda”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucia. (org.). *Literatura e Periferias*. Porto Alegre, Editora Zouk, p. 203-216.

ROSA, Waldemir. 2006. *O Homem Preto no Guetto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro.* In: https://repositorio.unb.br/handle/10482/2769 (acessado em 2 de setembro de 2019).

SANTOS, Vitor Cei. 2010. *Poesia Marginal: Lírica e sociedade em tempos de autoritarismo.* In: https://www.researchgate.net/publication/259820400_POESIA_MARGINAL_LIRICA_E_SOCIEDADE_EM_TEMPOS_DE_AUTORITARISMO (acessado em 6 de maio de 2020).

SARTRE, Jean-Paul. 2004. *Que é a Literatura*. 3ª ed. São Paulo, Editora Ática.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. 2011. *Letramentos de Resistência: poesia, grafite, música, dança, hip-hop*. 1ª ed. São Paulo, Parábola Editorial.

TENNINA, Lucia. 2017. *Cuidado com os Poetas! Literatura e Periferia na Cidade de São Paulo*. 1ª ed. São Paulo, Editora Zouk.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

TENNINA, Lucia. 2013. ***Saraus das periferias de São Paulo:*** *Poesia entre tragos, silêncio e aplausos.* In: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182013000200001&script=sci_abstract&tlng=pt (acessado em 29 de janeiro de 2020).